

RESENHA

Mónica Santos Pereira Defreitas¹

SANTAELLA, L. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?**
São Paulo: Paulus, 2005.

O livro de Lúcia Santaella, *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?*, interessou-me particularmente por unir duas áreas que têm caminhado juntas, mas que, nem por isso, têm sido suficientemente discutidas enquanto convergência. O livro faz parte da coleção *Questões Fundamentais da Comunicação*, e se mostra, como o próprio título sugere, uma obra muito mais voltada para o levantamento de questões que servem como pontos de partida para a reflexão, do que para a apresentação de respostas herméticas e conclusivas. Mas antes de entrar nas discussões do livro propriamente dito, sinto-me na liberdade de fazer algumas poucas considerações.

Se no universo das artes os artistas usam - para criar suas formas expressivas, elaborar suas linguagens e realizar suas obras artísticas - o que têm à disposição, é natural e até esperado que os meios de comunicação, que hoje não se limitam a meras ferramentas dos veículos da informação (rádio, TV, jornais, revistas, internet, etc.), passem a se imiscuir com uma grande variedade de campos, inclusive o artístico. Se antes o artista pré-histórico usava para as pinturas rupestres, por exemplo, o que o meio natural lhe oferecia (pigmentos de plantas e árvores, gordura e sangue de animais,

¹ Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná. Especialista em Metodologia do Ensino da Arte pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão. Graduada em Arquitetura pela Universidade Técnica de Lisboa. Professora de História da Arte nos cursos de Turismo e Comunicação Social da Facinter e coordenadora adjunta do curso de Comunicação Social da Facinter. Coordenadora do Programa de Iniciação Científica do Grupo Uninter. Co-editora da revista *Intersaberes*. E-mail: monica@facinter.br.

carvão, pedras, etc.), passados milhares de anos o artista continua utilizando o que o meio lhe oferece. Ou seja, a fala do artista, por meio de sua obra, é sempre vinculada ao seu contexto e às tecnologias disponíveis. Assim, os meios de comunicação acabam por ser, para o artista contemporâneo, a sua matéria-prima, ampliando-se o papel de “ferramenta” desses meios, para se tornarem também meios de expressividade artística.

A convergência entre as *comunicações* e as *artes* é um tema que suscita muitas reflexões sobre questões atuais e em constante transformação e evolução, como os meios de comunicação de massa, a cultura de massa, as novas tecnologias, e a arte e os artistas nesse novo contexto. O *novo*, nesse caso, deve-se à aplicação de tecnologias cada vez mais avançadas aos meios de comunicação (telecomunicações via satélite, internet, tecnologias digitais, etc.) no mundo contemporâneo, principalmente a partir das décadas de 1950 e 1960, e que acabam por atingir desde os grandes veículos destinados a levar a informação ao grande público, passando pela produção artística, até as comunicações essencialmente privadas.

O livro é dividido em temas que foram selecionados de acordo com o que a autora considerou pertinente para as discussões², sempre levando em conta o contexto econômico-político-social e as formas de comunicação relacionadas a cada um dos elementos do contexto. Foi utilizada como categoria analítica, por exemplo, a configuração das culturas humanas em seis grandes eras civilizatórias: “a era da comunicação oral, a da comunicação escrita, a da comunicação impressa, a era da comunicação propiciada pelos

² Coloco aqui as temáticas, utilizando os títulos que a autora colocou no índice do livro: Pontos de partida para a reflexão; As afinidades e atritos entre a fotografia e a arte; O cinema experimental e o cinema como arte; A arte e a industrialização da cultura; As mídias e as imagens artísticas; A pós-modernidade e a desterritorialização da cultura; O vídeo e as artes; A comunicação digital e as artes interativas.

meios de comunicação de massa, a era da comunicação midiática e, por fim, a era da comunicação digital” (2005, p. 9). São eras identificadas aos veículos de comunicação predominantes em cada período.

Uma das colocações interessantes logo no início da leitura é a contextualização que a autora faz das artes visuais que, desde o mundo antigo (no Ocidente) até o Renascimento, eram consideradas “artesanato utilitário” e que, a partir desse período, passaram a ser consideradas, segundo um status mais elevado, por ter destaque seu caráter intelectual e teórico. Poucos séculos depois ocorre uma outra transformação, de grande impacto, decorrente da época industrial, que funda a “emergência de uma cultura urbana e de uma sociedade de consumo” (2005, p. 5), e que altera o quadro onde operavam as chamadas “belas artes”. A partir daí, as artes passam a ser dominadas pelos meios de comunicação, o que significa que os artistas e o mundo das artes passam a utilizar os meios de comunicação tanto para a atividade artística criativa como para a inserção de suas obras no circuito da arte e do grande público. Penso que, dentre tantos, outros temas tratados nesse livro merecem ser destacados, como os que coloco a seguir.

A autora traz para a discussão alguns acontecimentos ligados à Revolução Industrial, período em que, junto com as máquinas que expandiam a força física e produziam bens materiais, surgiram também as máquinas de produção de bens simbólicos, como a fotografia, a prensa mecânica e o cinema. Segundo Santaella, “essas são máquinas habilitadas para produzir e reproduzir linguagens e que funcionam, por isso mesmo, como meios de comunicação” (2005, p. 11). Isso ajuda na compreensão de como a convergência entre as comunicações e as artes se dá a partir da cultura de

massas³, e não antes dela. Ou seja, os meios de comunicação, fortemente ligados aos modos de produção de uma sociedade, criam novos “ambientes culturais” e novos suportes para os conteúdos simbólicos, que podem ser livros e jornais, por exemplo, ou a fotografia, o cinema e a televisão, esses últimos representando o “apogeu da comunicação massiva”. Os artistas, nesse contexto, apropriam-se desses meios e passam a realizar suas criações utilizando essas novas ferramentas ligadas aos novos meios de produção, distribuição e consumo. Segundo Santaella (2005, p. 14),

Ao fazerem uso das novas tecnologias midiáticas, os artistas expandiram o campo das artes para as interfaces com o desenho industrial, a publicidade, o cinema, a televisão, a moda, as subculturas jovens, o vídeo, a computação gráfica, etc. De outro lado, para a sua própria divulgação, a arte passou a necessitar de materiais publicitários, reproduções coloridas, catálogos, críticas jornalísticas, fotográficas e filmes de artistas, entrevistas com ele(a)s, programas de rádio e televisão sobre ele(a)s.

Para a autora, um dos resultados dessa transformação proporcionada pelos meios de massa foi a aproximação entre cultura erudita e cultura popular, até então separadas em polaridades praticamente opostas - mas agora entrelaçadas e misturadas pelos veículos midiáticos; outro resultado foi o aumento do acesso à arte, com novos espaços (museus e galerias), e o aumento do público interessado. Cabe aqui a menção ao texto de Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, em que o autor aborda as transformações ocorridas na produção da obra de arte e,

³ É importante ressaltar aqui o que a autora quer dizer quando se refere às expressões “meios de massa” e “cultura de massa” (2005, p. 6): “Denotam os sistemas industriais de comunicação, sistemas de geração de produtos simbólicos, fortemente dominados pela proliferação de imagens. Trata-se de produtos massivos porque são produzidos por grupos culturais relativamente pequenos e especializados, e são distribuídos a uma massa de consumidores. Na lista de meios de massa incluem-se geralmente a fotografia, o cinema, a televisão, a publicidade, os jornais, as revistas, os quadrinhos, os livros de bolso, as fitas e os CDs.” Santaella explica ainda que a principal característica dos meios de massa é o uso de máquinas capazes de gravar, editar, replicar e disseminar imagens e informação, o que resulta em produtos baratos, seriados, amplamente disponíveis e passíveis de uma distribuição rápida.

consequentemente, na fruição da obra, e nos novos significados a partir da possibilidade de sua reprodutibilidade técnica. O texto, atual até hoje, e largamente discutido nas várias instâncias das artes e das comunicações, destaca o fim da “aura” da obra de arte única e o surgimento das artes para as massas, além de outras temáticas igualmente interessantes.

Com isso surge outra questão que a autora não chega a se ater, mas lança para discussão, que é a democratização da arte e da cultura. Pode-se refletir, então, até que ponto essa democratização realmente ocorre, já que as escolhas do que é veiculado massivamente é tarefa para um pequeno grupo, conforme já foi dito na primeira citação desta resenha. Talvez com a internet, veículo em que o grande público tem opção de escolha, trilhando seus próprios percursos em busca do que lhe interessa, a democratização da arte seja mais palpável e concretizável, assim como também pode ocorrer com a televisão digital, em que é a tecnologia que propicia a interatividade, inclusive em relação à programação, horário e gravação de programas de canais, já ofertada em vários países.

Outro tema pertinente na cultura contemporânea e abordado no livro é a hibridização das formas de comunicação e cultura, ou seja, há uma “mistura de meios ou multimeios”. O cinema, por exemplo, utiliza os conhecimentos da fotografia, da música, do teatro, da literatura, etc. O jornal se imbrica com a fotografia, as artes gráficas, a literatura, todos coexistindo no mesmo espaço. Essa hibridização, para Santaella, foi incrementada com o surgimento da cultura digital ou cibercultura (2005, p. 16):

Fazendo uso da realidade virtual distribuída, o ciberespaço compartilhado da comunicação não local, dos ambientes multiusuários, dos *sites* colaborativos, da *web TV*, dos *net games*, as artes digitais, também chamadas de “artes interativas” desenvolvem-se nos mesmos ambientes,

servem às comunicações, tornando porosas e movediças as fronteiras intercambiantes das comunicações e das artes.

A hibridização, entretanto, não se limita à inter-relação dos veículos, de suas tecnologias e linguagens, mas amplia-se para as questões culturais, como reflete Garcia Canclini em seu livro *Culturas Híbridas*, em que ele coloca em discussão várias instâncias de hibridismos, tomando como exemplo cidades da América Latina. E isso se torna ainda mais interessante porque essas discussões se entrelaçam, constituindo uma rede de discussões acerca do mundo contemporâneo sob as mais variadas óticas.

No livro de Santaella, entre tantos temas suscitados, compreende-se a importância dos meios de comunicação de massa e da cultura das mídias, a qual, segundo a autora, é antes uma forma de pensamento e de relação com o mundo, a partir de uma lógica, e distinta da comunicação de massas. Ou seja, enquanto os meios de massa têm o foco no consumo, a cultura das mídias “propicia uma apropriação produtiva por parte do indivíduo” (2005, p. 13). Pode-se usar como exemplo aqui nossas próprias experiências: temos o telefone celular que fotografa e filma, os mp3, mp4, etc., que reúnem uma série de possibilidades, desde a gravação de voz e reprodução de música até fotografia e filmagens ou reprodução de vídeos, e vários outros equipamentos de uso privado. E essa “produção” se mostra ainda mais sedutora quando é amparada por veículos de massa, como, por exemplo, os programas de televisão que incentivam pessoas leigas da comunidade a colaborarem, enviando suas fotografias ou filmagens para serem transmitidos na televisão em programas de entretenimento ou mesmo programas jornalísticos. Podemos, ainda, citar a “interatividade”, que é uma forma do indivíduo se relacionar de forma mais livre com os produtos geridos pelos diversos veículos

comunicacionais, tendo a oportunidade de se colocar e participar ativamente dos processos e das atividades oferecidas nos espaços em que vive.

Para finalizar, penso que este livro, breve e que se pode ler em pouco tempo, mas nem por isso de fácil leitura, coloca em pauta uma série de subsídios para a melhor compreensão das transformações que ocorreram tanto no campo das artes como no campo da comunicação e que, em determinado momento, passaram a convergir de forma importante. Tem-se a sensação de que, após essa leitura, surge a necessidade de se buscar uma série de outras fontes, nas mais diversas áreas, sejam elas de história, artes, comunicações, ou mesmo as tecnologias e o universo das grandes redes.

Num “mundo plugado”, usando um termo de Santaella, é inevitável o diálogo e a interface entre áreas, o que traz, além de novas temáticas para serem debatidas, transformações de funções, como acontece com a arte e com o próprio artista, em um cenário em que, como estamos acompanhando, propicia transformações dos métodos de produção artística e do próprio trabalho do artista.

Acredito que, no mundo contemporâneo, como não existe o “engessamento” no campo das artes como já houve em períodos anteriores – no sentido do fazer artístico estar muito mais ligado ao domínio de uma técnica e ser uma ferramenta “a serviço de”, do que um meio de expressividade criativa -, não estamos propriamente em busca de respostas, mas da compreensão de processos, pensamentos e formas atuais de expressão artística. Por último, vale lembrar que a abordagem da autora torna-se ainda mais interessante se levarmos em conta que tanto as comunicações como as artes são campos completamente inseridos nas nossas vidas, nas mais variadas formas, as quais

temos acesso e contato contínuo de forma quase sempre distraída, característica típica desta modernidade, mas nem por isso menos importante.